

Conversam falsamente a falsa e o falso confidente

Francisco Alvim

A primeira lembrança que tenho é de Clara, minha mulher, me pedindo que lesse a prova de uma aluna dela na PUC, chamada Ana Cristina. Naquela época, eu ganhara de presente uma assinatura do *New York Review of Books* e o texto de Ana, que não devia ter vinte anos -escrito na sala de aula, mero exercício escolar- pareceu-me bater em sofisticação e competência as melhores resenhas do suplemento.

Acho que logo depois nos conhecemos em casa de Cacaso, ponto de encontro dos jovens e não tão jovens poetas que circulavam pelo Rio dos anos setenta. Cacaso morava à beira mar, na Avenida Atlântida, num daqueles prédios da década de quarenta. O apartamento tinha uma luz amarela, um pouco estridente; os móveis em jacarandá escuro, o soalho em tacos. Apartamento dos pais, que moravam fora do Rio e que lá iam pouco. Os acréscimos do filho artista, sem interferir com o conjunto, acrescentavam uma graça particular ao que já era dotado de graça, umas poucas instalações minimalistas -uma estante de livros, por exemplo, num ou noutro canto do ap.; fotografias nas paredes, nacos de circunstâncias vividas.

Era noite de verão. Fazia calor e se ouvia, como sempre, o barulho do mar quebrando na arrebentação. Ana era bonita. Viera com alguém. Conversamos.